

Prefácio

Skatografias – o caso do “pico”

Pedro Peixoto Ferreira

“Como quase tudo na vida, eles vêm e vão. Muitas vezes a busca os afasta, e o momento menos esperado é o propício para seu surgimento. Em lugares improváveis, através de informação obtida com pessoas desconhecidas, graças a uma decisão errada de caminho. Enfim, o meio não importa aqui, e sim o fim, o objetivo, a descoberta. Você precisa de um lugar pra andar de *skate*, que seja novo, que renove as energias, que te dê motivo para chamar seus amigos. Você precisa de um pico e, mesmo que ele exista há anos, ele passa a ser carinhosamente chamado de ‘novo’ a partir da descoberta.”
(Prieto, 2011, p.22)

Em uma descrição sumária, um *skate* é uma prancha montada sobre dois eixos com duas rodas cada. Segundo uma das narrativas mais conhecidas da origem deste objeto, ele foi criado por surfistas na Califórnia, Estados Unidos, nos anos 1960, a partir de patins desmontados. Reforçando sua origem norte-americana, no Brasil boa parte do vocabulário ligado ao *skate* é composto por palavras em inglês, inclusive os nomes dados à prancha do *skate*, chamada de “*shape*”, e aos eixos das rodas, chamados de “*trucks*”. A prática do *skate* consiste basicamente em manter-se equilibrado em pé sobre o *shape*, de preferência realizando diferentes tipos de manobras, enquanto o *skate* estiver em movimento sobre o chão ou sobre obstáculos. O skatista pode ser entendido como um híbrido pessoa-*skate*, uma modificação do esquema corporal do skatista pela assimilação de um objeto que altera a sua relação com o ambiente. Pessoas se tornam skatistas ao alterarem sua relação com o ambiente por meio do *skate*. A ideia de uma alteração das relações entre um agente e seu meio pela introdução de uma nova

mediação entre eles se inspira em proposições etnograficamente fundamentadas em Bateson (1975) e Gell (1980) a respeito do transe.

Diante da proposta de explorar diversas possibilidades gráficas incluídas nas relações entre etnografia e biografia, expressa no grupo de trabalho cujas discussões resultaram neste livro, nasceu o desejo de aproveitar a oportunidade para jogar luz sobre uma grafia ainda praticamente inexplorada nas ciências sociais, apesar de já bastante desenvolvida entre seus praticantes. Trata-se da “skatografia”, ou escrita do *skate*, que envolve tanto a dimensão indicial das marcas trocadas entre o *skate*, o corpo do skatista e os obstáculos, quanto a produção fotográfica, videográfica e textual de skatistas sobre *skate*. Atento à mídia impressa nacional de *skate* desde o final da década de 1980, pude acompanhar algumas transformações do campo, assim como o amadurecimento de algumas imagens e discursos compartilhados. Entre essas imagens e discursos,¹ gostaria de explorar rapidamente aquilo que já chamei de “picologia”, a ciência dos picos (Ferreira, 2011), por considerá-la um valioso caso de conceito nativo complexo, elaborado e intrinsecamente ligado a práticas correspondentes. Uma skatografia em pleno direito.

Picologia

Para um skatista, um “pico” é um lugar propício para a prática do *skate*, ou um lugar “skatável”. Nem todo lugar é propício para a prática do *skate*. Skates convencionais² não andam na maior parte das superfícies naturais (grama, areia, lama, água etc)³ e, mesmo nas construídas, as opções são limitadas por irregularidades dos próprios materiais ou de sua montagem. *Skateparks* são picos artificiais, no sentido de terem sido construídos desde o início para a prática do *skate*. Assim sendo, no *skatepark*, quando uma rampa não tem a inclinação ideal ou o piso é irregular, isso indica falhas no projeto ou em sua execução e o skatista tem motivos para reclamar. Fora dos *skateparks*, no entanto, o skatista não encontra um ambiente construído

1 Um caso de skatografia imagética pode ser encontrado na entrevista que fiz com o skatógrafo Renato Custódio (Ferreira, 2009).

2 Aqui, refiro-me àquilo que revistas e *sites* de *skate* chamam de “*skates* modernos”, surgidos nos anos 1990 e caracterizados por *shape* simétrico, sem distinção entre a parte da frente e a parte de trás, com dimensões próximas a 22 por 76 centímetros e rodas de diâmetro próximas a 52 milímetros. Existem muitos outros tipos de *skate* menos utilizados do que os convencionais, voltados para terrenos específicos (*skate* para grama ou para terra) ou com dimensões muito diferentes (de *miniskates* a *longboards*).

3 Como bem expressou o skatógrafo Prieto: “Somos avessos a mato, grama, areia, água. Lidamos bem com o concreto, granito, mármore.” (2011, p.22)

para a prática do *skate*, mas sim um ambiente que ele precisa tornar “skatável”, seja pela criatividade e habilidade nas manobras, seja por modificações na própria estrutura física do espaço (untando bordas e superfícies com cera de vela, por exemplo, ou mesmo suavizando desníveis e transições com massas plásticas ou cimento).

Fora dos *skateparks*, quando o skatista encontra um piso irregular ou uma rampa muito íngreme, ele não está diante de defeitos de projeto (pelo menos não no que se refere à prática do *skate*), mas, sim, de desafios a serem superados. Na rua, o skatista precisa subverter, desviar as funções dos objetos (Kasper, 2005), explorando a sua margem de indeterminação. Encontrei um bom exemplo de criatividade e habilidade nas manobras na adequação ao pico na legenda para um “360 *flip to fakie* numa capela abandonada em Suzano (SP)”:

“O que define o lugar para andar de skate? Se o mundo real oferece o mínimo de condições, é no campo da sua imaginação que os caminhos se desenham, absorve-se o impacto das imperfeições, criam-se condições para fazer a manobra acontecer. Exercite sua mente. Se você acorda todo dia pensando em granilite, em breve o skate, pra você, será um pesadelo.”

(Vianna, 2009, p.43)

Um bom exemplo para a adequação do pico por modificações na própria estrutura física do espaço é a seguinte passagem do skatógrafo André Ferrer:

“Claro que nem todos os picos são perfeitos, por isso saíamos com um verdadeiro arsenal de pedreiro (cimento, chapas de aço, pá, vassoura, madeiras, velas, massa plástica e afins), para corrigir as diversas imperfeições que dificultavam – e até impossibilitavam – a vida dos skatistas.”

(Ferrer, 2009, p.111)

As soluções são tão engenhosas que a argumentação da seguinte legenda de fotos de um skatista descendo a pedra inclinada de uma cachoeira se torna plausível: “Algumas superfícies parecem ásperas demais. Outras, escorregadias demais. A inclinação pode apresentar-se demasiadamente íngreme. Nada que signifique terreno impróprio para skate.” (Vianna, 2009, p.38)

Além dessas restrições espaciais, devemos elencar também importantes restrições de tipo temporal, ligadas a momentos mais ou menos propícios à prática do *skate*. Fábricas, centros comerciais, parques de diversão ou outros espaços amplos e de circulação podem se tornar

picos privilegiados quando fechados e abandonados, apesar de serem proibidos ao *skate* quando em pleno funcionamento (e mesmo que não fossem proibidos, o volume de pessoas e atividades conflitantes com o *skate* dificultaria muito a sua prática). Um exemplo disso são as diversas fotos, publicadas em 2011, de manobras nos restos do Best Shopping em São Bernardo do Campo: “Quem nunca quis andar de *skate* dentro de um *shopping center* que atire a primeira pedra. Após a falência do Best Shopping, ... os corredores foram palco de sessões memoráveis.” (Prieto, 2011, p.22) Espaços públicos (praças, calçadas, ruas, estacionamentos, monumentos etc) são geralmente mais “skatáveis” de noite ou de madrugada, ou nos feriados e fins de semana, quando o volume de pessoas circulando é menor e o tipo de circulação é diferente. Ferrer expressou isso muito bem quando escreveu: “Um feriado ... é um prato cheio para nós skatistas: cidades vazias, comércio fechado, seguranças de folga, pessoas à procura de descanso e nós à procura dos lugares!” (2009, p.111) Em países de inverno rigoroso, o frio pode ser uma restrição temporal ao *skate* noturno, e o inverso vale para países tropicais, onde o calor pode ser uma restrição para o *skate* durante o dia. Isso para não falar de como chuva, neve, vento e outros eventos especiais podem transformar picos privilegiados em locais muito difíceis ou até impossíveis para a prática do *skate*.

Por fim e sobretudo, as predisposições e preferências do skatista são parte fundamental da transformação de um espaço-tempo em um pico. Existem picos exclusivos, que só são acessíveis a poucos skatistas capazes de manobrar neles. Existem picos ocultos, que passam despercebidos pela maior parte dos skatistas. Existem picos concorridos, por motivos como localização e qualidade, e picos abandonados, por concorrência com atividades incompatíveis (comércio ambulante, criminalidade etc) ou por proibição pura e simples. Assim, diferentemente dos *skateparks*, que são picos *by design*, propícios por princípio à prática do *skate*, em todo o seu espaço e em todo o seu horário de funcionamento, os picos urbanos têm geralmente restrições espaço-temporais ligadas à circulação de carros e a diversos outros tipos de veículos, transeuntes e moradores de rua, e à presença de objetos variados, como mercadorias e lixo.

Sarjetas, escadas, muretas, paredes, bloqueios, rampas e tudo mais que o skatista encontra em seu caminho não foram construídos para a prática do *skate*,⁴ mas são transformados, pragmaticamente

4 Em carta publicada na revista *Cemporcento Skate*, um skatista solicita a compreensão dos arquitetos: “Os arquitetos que não briguem comigo, pois sei que os objetivos pelos quais eles criam tantos monumentos, prédios, corrimãos, escadarias, marquises, canteiros, chafarizes e outras coisas fantásticas nas nossas ruas, casas, praças e empresas não é para que nós, skatistas, os pulemos, deslizemos ou façamos outras coisas com nossos skates. Mas é inevitável.” (Martins, 2011, p.108)

e em acordo com um certo *Umwelt*-skatista (conforme Uexküll, 2001), em obstáculos. Para skatistas, obstáculos não são objetos que impedem a passagem, mas objetos que motivam e estimulam uma espécie de “ultra”passagem: “*Life is fool [sic] of obstacles. Overpass.*” (Black Sheep, 2011, p.5) Muito longe de buscar minimizar o dispêndio de energia, optando por caminhos que ofereçam menor resistência, o skatista busca o teste da resistência, busca uma espécie de mais-valia energética a partir do seu dispêndio desejante. O skatista não evita obstáculos, ele os busca ativamente, chega a construí-los, não por querer superá-los, subjugar-los, derrotá-los, mas porque quer manobrá-los, experimentar uma coreografia transumana na qual skatista e obstáculo trocam propriedades, inscrições e disposições, alternando atividade e passividade em um contraponto tão delicado quanto forte e necessário. Nada além das leis da física, mas transformadas engenhosamente nas regras de um jogo que se quer jogar.

Isso fica particularmente claro no seguinte caso, contado pelo skatógrafo Ivan Cruz: “Em um dia como todos os outros, os skatistas ... circulavam pela cidade à procura de picos. Neste dia comum, algo incomum chamou a atenção dos dois amigos ... Eles avistaram um galpão, um imenso galpão.” Após relatar as sessões de *skate* que ocorreram no galpão, ele conclui com a expressão que deu título à reportagem: “Tinha um galpão na beira da estrada, na beira da estrada tinha um galpão.” (Cruz, 2011, p.61) Se a pedra “no meio do caminho” de Drummond era um obstáculo, o galpão também o é, mas no sentido propriamente skatista de estímulo ativamente buscado. “Esse é o desafio das pessoas. Usar os obstáculos para evoluir como indivíduos, para fortalecer o coletivo.” (Prieto, 2008, p.110)

Um obstáculo pode ser entendido como um conjunto de bordas e superfícies. Um banco de praça, uma mureta ou uma fachada se tornam composições de bordas e superfícies que convidam à interação, que propõem desafios, que atraem skatistas. A bordas e superfícies correspondem atitudes corporais do skatista, sendo elas variáveis norteadoras de suas relações com o meio. Nas bordas, o skatista pode deslizar ou bater os eixos dos *trucks* (isto é, executar um *grind*) ou alguma parte do *shape* (*tail*, *nose*⁵ ou a parte entre os eixos). Ele também pode “dropar” (do inglês, “*to drop*”), isto é, despencar a partir da borda, ou utilizar a borda como apoio em manobras de transição, como *handplants* e *footplants*, que envolvem apoiar o corpo sobre um pé

5 O *nose* [nariz] do *shape* é a sua extremidade dianteira e o *tail* [rabo] é sua parte traseira. Atualmente, nos *skates* convencionais, mesmo quando essa diferença não é mais objetivada em formas ou dimensões diferentes das partes dianteira e traseira do *shape* (como era mais comum nos anos 1980), a distinção ainda importa na classificação de manobras, em suas variações *nose* e *tail* (por exemplo, *tailslide* e *noseslide*).

ou as mãos durante uma fração de segundos. Nas superfícies, o skatista se desloca e manobra livremente, tendo de lidar com apenas duas variáveis: textura e inclinação. Quanto à textura, o ideal é que seja lisa o suficiente para eliminar a trepidação e o bloqueio das rodas ou do *truck*, mas áspera o bastante para garantir a aderência das rodas, necessária ao controle de direção e velocidade. Quanto à inclinação, o skatista naturalmente acelera quando desce um plano inclinado, sendo tal aceleração proporcional à inclinação.

Assim, podemos dizer, em uma proposição causal de base comportamental, que o pico é um conjunto de obstáculos (bordas e superfícies) que atrai skatistas (pessoas com *skates*). Mas também podemos dizer, em uma proposição mais reticular e intuitiva, que o pico é a produção local e contingente de skatistas e obstáculos a partir de encontros felizes entre as capacidades, desejos e predisposições de seus elementos constituintes (rodas, *trucks*, *shapes*, pessoas, bordas, superfícies, relevos, mas também seguranças, transeuntes, policiais, proprietários de imóveis, crianças, mendigos, drogados, pedras portuguesas, pedrinhas pequenas, buracos, mármore, cimento, degraus, corrimãos, bancos, sarjetas, automóveis, terra, chuva, água, frio, calor, sol etc). Em um caso, o pico é o efeito do encontro de skatistas e obstáculos; no outro, skatistas e obstáculos são o resultado de um encontro de seus elementos constitutivos na forma de um pico. Em ambos os casos (e em tantos outros possíveis), o que se diz é que o pico é uma ocasião privilegiada para o skatista manobrar seu *skate* e, assim, tornar-se mais uma vez skatista: transformar obstáculos em motivos e motivações para sair de seu estado atual, transformar-se, devir. Em tempos de esvaziamento do espaço-tempo público, a psicologia bem poderia inspirar estratégias de ocupação criativa e desejante, positivamente obstáculos e liberando potências.

Referências

- Gregory Bateson, “Some components of socialization for trance”, *Ethos*, v.3, n.2, p.143–55, 1975
- Black Sheep, “Anúncio”, *Tribo Skate*, n.189, p.4–5, 2011
- Ivan Cruz, “Tinha um galpão na beira da estrada... na beira da estrada tinha um galpão”, *Cemporcento Skate*, n.160, p.58–67, 2011
- Pedro Peixoto Ferreira, “Conversa com o skatógrafo Renato Custódio”, 2009, disponível em <http://pedropeixotoferreira.wordpress.com/2009/06/15/conversa-com-o-skatografo-renato-custodio/>
- , “Picologia: pensando a reticulação do meio urbano pelo skate”, palestra proferida na mesa Corpo e Técnica na Teoria Social, 3ª *Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia*, Brasília: DAN/UNB, 2011
- André Ferrer, “Um pico nunca dantes visitado”, *Cemporcento Skate*, n.135, p.110–111, 2009
- Alfred Gell, “The gods at play: vertigo and possession in Muria religion”, *Man*, v.15, n.2, p.219–248, 1980
- Guto Jimenez, “Skateboarding militant: Um mundo sem skate?!”, *Tribo Skate*, n.190, p.108, 2011
- Christian P Kasper, “Desviando funções”, *Nada*, n.5, p.72–77, 2005
- Carlos S Martins, “Caixa de entrada: Goethe, arquitetura e skate”, *Cemporcento Skate*, n.162, p.108, 2011
- Douglas Prieto, “O desafio das pessoas”, *Cemporcento Skate*, n.121, p.110, 2008
- , “Calçada: a busca”, *Cemporcento Skate*, n.162, p.22, 2011
- Jakob V Uexküll, “An introduction to Umwelt”, *Semiótica*, n.134, p.107–110, 2001
- Alexandre Vianna, Renato Custódio, Eduardo Braz, Atila Choppa & André Ferrer, “Ande de skate aqui”, *Cemporcento Skate*, n.135, p.36–47, 2009

Pedro Peixoto Ferreira é professor do Departamento de Sociologia do IFCH-UNICAMP, coordenador do Grupo de Pesquisa CTEME e do Laboratório de Sociologia dos Processos de Associação, desenvolvendo pesquisas na área da socioantropologia da ciência e da tecnologia.